

DESCAVES, BRUNO JATOBA. Dispositivo Personático: investigando a Persona através de Espelhos manipulados. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena; Escola de Comunicação; Universidade Federal do Rio de Janeiro. Orientação de Gilson Moraes Motta. Marionetista e violinista.

RESUMO

O trabalho a ser apresentado faz parte da pesquisa de Mestrado "Dispositivos Personáticos" que investiga as relações entre as marionetes, os objetos e o corpo do performer e dos espectadores. O trabalho mostra um dos experimentos práticos realizados no processo de pesquisa. Neste experimento, um performer manipula espelhos por intermédio de luvas, se relacionando com um espectador-participante a partir de diversos ângulos e pontos de vista. O público observa esta exploração de olhares. Denomino este objeto de "Dispositivo Personático" (DisPersona-Espelhos), na medida em que ele possibilita a "descoberta" de faces desconhecidas e de mil faces compostas do espectador-participante. Os espelhos são considerados aqui dispositivos de ampliação e de evidenciação da Persona (Cohen, Jung, Silveira) do manipulador e do espectador-participante através da atuação performática. O objetivo do trabalho é entrar nestes espaços de fronteira entre um elemento e outro, conhecendo seus limites e analisando a situação de liminaridade (Turner/Gennep) da tríade - manipulador / espectador-participante / objeto. Nesta e em outras performances, foi observado que trabalhar com a Persona de cada um é muito enriquecedor, pois entramos em um campo desconhecido do Si de cada um.

PALAVRAS-CHAVE: performance; teatro de objetos; liminaridade; persona.

ABSTRACT

The work to be presented is part of the master's research paper *Personatics Devices* which investigates the relationship between marionettes, objects, the performers bodies and the spectators. This work shows a practical experiment made during the research process. In this experiment the performer manipulates mirrors through gloves, in a relation with a spectator-participant from various angles and viewpoints. The public observes that exploration of looks. I call this object *Personatic Device*, in that it allows the discovery of unknown faces and of the thousand composed faces of de spectator participant. The mirrors here are used as a device for the magnification and disclosure of the *persona* (Cohen, Jung, Silveira) of the manipulator and of the spectator-participant through the performance. The objective of this work is to enter the threshold spaces between one element and the other, to know those limits and to analyze the situation of *Liminality* (Turner/Gennep) of the triad - manipulator/ spectator-participant / object. In this and other performances, it was observed that to work with the Persona is very enriching, because we go into a unknown space of one's Self.

KEYWORDS: Performance; theatre of objects; liminality; persona.

Dispositivo Personático : investigando a Persona através de Espelhos manipulados

A obra aqui apresentada faz parte da minha pesquisa de mestrado que investiga as relações entre o espectador e o performer através de *Objetos de Encontro. Os Dispositivos Personáticos - Espelhos*, consistem em um dos experimentos práticos realizados no processo de pesquisa. Nesse experimento, o performer manipula espelhos por intermédio de luvas, se relacionando com um espectador-participante. Essa interação possibilita a ambos a investigação do outro, de si mesmo e do espaço. O público também participa observando a relação entre os dois em performance assim como observando a mistura de seus próprios reflexos aos reflexos dos dois.

O objetivo do trabalho é penetrar nos espaços fronteira entre um elemento e outro, onde é possível experimentar a *liminaridade* (Turner/Gennep) da tríade - manipulador / espectador / objeto. Ao interagirmos com as imagens de cada um dos participantes, adentramos um campo melindroso e desconhecido, com múltiplas possibilidades. Desta forma os espelhos são dispositivos de ampliação e de evidenciação da *persona* (Cohen, Jung, Silveira) do manipulador e do espectador, através da atuação performática.

Dispositivos Personáticos - Espelhos são *objetos de encontro* que consistem em dois espelhos de 25cm/18cm colados em chapas de madeira onde luvas foram presas. Tratam-se de luvas utilizadas em trabalhos pesados por pedreiros e marceneiros. A performance, que pode ser considerada como um *ritual*, começa quando uma pessoa do público se senta na cadeira em frente ao *performer*. O primeiro contato visual acontece neste momento. O performer então retira os *espelhos* do saco de papel, veste as luvas e sutilmente começa a manipulação com os espelhos que são abertos e entram, talvez como intrusos, na relação. Estes começam a ser manipulados de maneiras que proporcionam diversas visões da face do participante, dos detalhes do rosto, do nariz, das orelhas, do topo da cabeça, de baixo do queixo, que são por ora inusitadas, desconhecidas e íntimas. São também olhares da pessoa olhando para si mesma de fora. Dependendo do ângulo dos espelhos as faces se multiplicam. A luz do ambiente se reflete na face, nos olhos e nos espelhos e criam uma mágica poética. O manipulador e os espectadores aparecem as vezes nos reflexos entremeados com aqueles do espectador/participante. A seguir o performer oferece os espelhos ao participante, como se fosse um *passe*, e este realiza a manipulação. Este momento é muito importante pois dá ao participante a possibilidade de ser o performer da sua maneira. Ao final os espelhos são recolocados no saco de papel e a performance termina.

Esse dispositivo visa ser um *scopio* para a maior compreensão de si mesmo, da persona e da sua atuação corporal. O objeto performático estabelece um contato enriquecedor entre a tríade dos três elementos da cena, o ator/manipulador, o objeto e

o participante.

Na performance se trabalha com persona e não com personagens. A persona diz respeito a algo mais universal, arquetípico (a sombra, o mestre, o trickster, a morte, ...) Uma persona é uma galeria de personagens. O trabalho do performer é levantar sua persona. (COHEN, 2000. p.107)

Utilizamos essa noção de persona como sendo a máscara, o estereótipo, território muitas vezes desconhecido pelo espectador e pelo performer. O objetivo da obra é experimentar as múltiplas facetas presentes na dupla que realiza o experimento. O que seria um corpo sem tensões, sem as marcas que carregam nossos traumas ou maneirismos?

A relação da visualidade é fundamental para a construção da espetacularidade, não somente porque a palavra espetáculo também se relaciona ao ato de olhar, observar (spectare), mas também pelo fato de esta palavra estar na raiz do próprio conceito de teatro no ocidente. A performance lida com um jogo de olhares, de sentidos, de relações. Ao utilizar dispositivos que ampliam estes sentidos entramos numa relação intensa e carregada de significados. O proponente se relaciona com o espectador e ambos interagem simultaneamente com o entorno.

O conceito de *liminaridade* se faz presente neste trabalho pois estamos investigando os limites do nosso corpo. A partir da visão dos limites da cabeça chegamos à uma consciência do seu volume, assim como uma descoberta daquilo que não é visto mas que é muitas vezes suposto pela mente, é um confronto do corpo imaginado com o real. A alteridade é um dos aspectos deste trabalho.

Utilizando uma técnica de manipulação, desenvolvida através de meu trabalho com marionetes, sutilmente sugiro possíveis ângulos necessários à visualização de imagens desconhecidas do outro. Dependendo do ângulo dos espelhos a face do outro se multiplica possibilitando a visão da mesma de diversas maneiras diferentes. Realizei ensaios anteriores à apresentação para encontrar situações em que haja uma experiência inusitada. Ainda assim, o momento do encontro com o espectador é único. Neste ritual com Objetos de Encontro, o espectador e o performer imergem em uma investigação carregada de infinitas possibilidades.

Depoimentos de participantes em performances realizadas em 2014

“Existe esta dimensão do fora que eu me relaciono, esta cumplicidade, o encontro com o outro. E todo o processo da reação. Como eu reajo a isto provocando... me sentia muito parceiro assim.”

“Fui me sentindo cada vez mais abarcada, cada vez mais dentro da *coisa*.” “Para mim esse gesto, ou poder do manipulador de marionetes de dar vida, de animar, é encantador mesmo. O material, o espelho tem esse "mistério", e a forma como você manipula ele é carregada dessa energia e dessa intenção mágica! ““O jogo do duplo,

aonde começa, aonde termina, o que você faz com esta energia. É o duplo do duplo do duplo... exatamente! “O legal é ser uma luva de trabalhador de obra, é todo o lance, porque ela é muito rústica e faz assim: clac / clac / clac... tem uma coisa clac também... que é muito legal para não ficar blu / blu /... que seria fraco perto da potência do lance. Me dá uma coisa de trabalho, de vamos trabalhar isso aí, tem alguma coisa a ser construída aí, não tão literal, mas tem uma sensação que é rústica e que pra mim cai muito bem dentro desta sutileza aí neste *ritual* que começa a ser produzido. “

“No começo, começo a sentir um estranhamento, não reconheço minha face... Vocês conhecem meu rosto melhor do que eu. “Eu sinto um esculpir ali, nessa dança, que quem está com espelho faz, um espécie de campo de força, uma aura, não sei... um contato sem toque que me parece interessante mesmo. “

“ Seus movimentos eram realmente muito suaves e, talvez por consequência, eu tenha me sentido num estado de quase hipnose. Aos poucos, comecei a me dar conta das microações que ele produzia com o objeto e, ao mesmo tempo em que mantinha meu corpo quase imóvel, em observação, também podia observá-lo em manipulação. Tudo muito sutil, muito silencioso, delicado.”

“Após encerrar sua ação, Bruno passou o objeto para mim. Outro mundo, outra realidade. Me dei conta do que, de fato, era o objeto: duas placas de espelho, cada uma presa a uma outra placa, de compensado, onde se fixavam duas luvas de pedreiro, grossas, duas vezes maior que as minhas mãos. Foi estranho perceber aquele objeto. Era como lembrar que, por trás das lindas melodias soadas em um piano, há uma maquinaria grosseira, feita de madeira, alguns metais e um enorme espaço vazio. Mas aí você se dá conta de que entre a linda melodia e o arcabouço grosseiro, há um executor, um músico, um ator. E é a ação deste artista que permite que você escute aquele som e se encontre num outro espaço-tempo, diferenciado.”

“Uma vez ao manipular os espelhos sinto que o participante fecha os olhos, não quer se ver. Então mudo de lado, dou uma volta no seu corpo, brinco com os reflexos e o desejo dela de se ver surge. Então o jogo começa. E os espectadores também entram nesse jogo.

Conclusão

As performances com estes Objetos de Encontro possibilitaram aos participantes entrarem nesta imagem reflexo, nesta *aisthété*, que significa aquele que nota, que percebe proporcionando uma experiência de subjetivação aos participantes. Termino com um poema escrito por Alice Stefânia depois ser a espectadora/participante de uma das performances na Abrace:

“Meu olhar é abismo nos espelhos,
não como diz José Gil, nas *Metamorfoses do Corpo*,
um buraco negro em muro branco,
não assim...
mas sim
são duas funduras negras em um mergulho especular,
um olhar sem controle de moldura.

olho no meu olho abrindo portas e janelas de corpo e alma.
voo livre com retrovisores!”

Notas

1 Liminaridade (do latim: *līmen*) é um estado subjetivo, de ordem psicológica, neurológica ou metafísica, consciente ou inconsciente, de estar no limite ou entre dois estados diferentes de existência.

2 A definição na psicologia de *persona* é o invólucro das modalidades expressivas, dos pensamentos e sentimentos do indivíduo na relação que mantém com os estereótipos da psique coletiva, consciente e inconsciente.

3 A palavra vem do grego *skopéo*, significando, contemplar, olhar. Algo que amplia a percepção.

Bibliografia

SILVEIRA, Nise da. *Jung: Vida e Obra*. São Paulo, 1994.

JUNG, Carl G. *O homem e seus símbolos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

CLARK, Lygia e OITICICA, H. *Cartas 1964–74*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.

CLARK, Lygia. *Carta a Mondrian*. In COTRIM, C. e FERREIRA, Glória. *Escritos de artistas: anos 60/70*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006

COHEN, Renato. *Performance como Linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 1989

SCHECHNER, Richard. *Performance e Antropologia de Richard Schechner*. Rio de Janeiro: Editora Mauad, 2012.

TURNER, Victor. *Liminal to Liminoid, in play, flow, and ritual: An essay in comparative symbology*. Rice University Studies 1974 vol. 60. no. 3, pp. 53-92.